

Charles Spurgeon

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

*Quarenta
sermões
pregados no
Tabernáculo
Metropolitano
e em outras
reuniões de
oração*



VIDA NOVA

Sumário

| | |
|---|-----|
| Prefácio | 7 |
| I. SERMÕES SOBRE ORAÇÃO E REUNIÕES DE ORAÇÃO | |
| 1. “É só uma reunião de oração!” | 11 |
| 2. Reuniões de oração: como eram, como devem ser | 21 |
| 3. Banco de orações | 29 |
| 4. Deus quer abençoar santos e pecadores | 35 |
| 5. Confissão de pecado | 47 |
| 6. “Oro para que vocês cerrem suas garras” | 57 |
| II. EXPOSIÇÕES DA ESCRITURA | |
| 7. A primeira adoração pública do mundo (Gn 4.26)..... | 69 |
| 8. Sobre o mel que goteja dos favos (Gn 15.1) | 77 |
| 9. Não pequeis contra o menino: um sermão pregado em uma reunião de oração para a escola bíblica dominical (Gn 42.22) | 85 |
| 10. Combatendo e orando (Êx 17.8,9) | 97 |
| 11. Outra porção de mel espiritual (Êx 33.14) | 109 |
| 12. Os três “então” de Levítico 26 | 115 |
| 13. Um sermão para tempos sombrios (Sl 61.2) | 125 |
| 14. “Mel tirado da rocha” (Sl 81.16) | 137 |
| 15. A prevalência do mal: um argumento na oração (Sl 119.126) | 143 |
| 16. Os três “então” da visão do templo de Isaías (Is 6. 1-8) ... | 151 |
| 17. Podando a videira (Jo 15.2) | 161 |
| 18. “Escrevam o nome de Jesus em todas as suas cruzes” (Jo 19.19) | 169 |

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

| | |
|--|-----|
| 19. Pentecoste e tríduo de Pentecoste (At 2.1-6, 33-41) .. | 175 |
| 20. A necessidade que o pastor tem das orações do povo (2Co 1.11) | 183 |
| 21. Por que não temos (Tg 4.2)..... | 191 |
| | |
| III. INCIDENTES E ILUSTRAÇÕES | |
| 22. Uma interrupção para melhor..... | 205 |
| 23. Pescando..... | 209 |
| 24. “Atenção, invasores!” | 219 |
| 25. O rolo compressor silencioso | 223 |
| 26. O rolo compressor e o triturador de pedras | 229 |
| 27. Dois perigos comuns | 237 |
| 28. Um pequeno sermão sobre o braseiro de um pintor ... | 243 |
| 29. Uma boia salva-vidas para uso diário..... | 247 |
| 30. O olho: um emblema da fé | 253 |
| 31. “Nada a dizer”..... | 259 |
| 32. Jejuando e retrocedendo..... | 265 |
| | |
| IV. SERMÕES DIVERSOS | |
| 33. Pregando a pecadores | 271 |
| 34. Um Cristo pleno para pecadores e santos vazios..... | 275 |
| 35. “Refugia-te em Jesus”..... | 285 |
| 36. Sermão para professores da escola bíblica dominical .. | 291 |
| 37. Comunhão com a grandeza divina | 297 |
| 38. Admoestações oportunas | 305 |
| 39. “Tentado pelo Diabo” | 315 |
| 40. “Chegaremos ao lar; chegaremos ao lar” | 323 |
| | |
| Hino de C. H. Spurgeon para uma reunião de oração matinal | 331 |

Prefácio

Há tempos, Spurgeon queria reunir em um único volume uma seleção dos sermões pregados por ele no Tabernáculo Metropolitano e em outras reuniões de oração, mas nunca teve a oportunidade de pôr em prática essa ideia.

Esperamos que a publicação dos quarenta sermões reunidos aqui seja útil àqueles que têm a responsabilidade de dirigir as reuniões de oração, e que também desperte a atenção dos leitores em geral pela variedade dos assuntos nela contidos.

No primeiro volume de “Lições aos meus alunos”, ao discorrer sobre “A aptidão para o discurso de improviso”, Spurgeon disse:

Desde que cheguei a Londres, para que adquirisse o hábito de falar de improviso, nunca estudei ou preparei coisa alguma para as reuniões de oração das segundas-feiras à noite. Decidi que esse evento seria a oportunidade para uma exortação espontânea. Contudo, se vocês prestarem atenção, verão que, nessas ocasiões, eu não escolhia tópicos expositivos complexos, ou temas obscuros, restringindo-me a conversas despreziosas, simples, sobre os elementos da nossa fé. Em momentos assim, nossa mente faz uma revisão e se pergunta: Que assunto me ocupou a mente durante o dia? Com que me deparei durante minhas leituras na semana que passou? O que mais me toca o coração agora? Que sugestões me vieram com os hinos e as orações?.

Um dos sermões deste volume, a exposição de Salmos 81.16, foi pregado em uma reunião de oração na Street Chapel, em 1857. Contudo, a maior parte dos demais sermões foram pregados no

Tabernáculo Metropolitano, naquelas reuniões maravilhosas de segunda à noite, a respeito das quais Spurgeon escreveu certa feita em “A espada e a espátula”: “Um ministro wesleyano disse, recentemente, que nunca havia ficado tão surpreso na vida quanto no dia em que foi ao Tabernáculo e viu que o térreo e a parte da galeria estavam lotados em um dia de reunião de oração. Para ele, tal coisa quase não tinha paralelo em Londres, o que era prova do sucesso daquele ministério. Concordamos com essa avaliação imparcial. Por que nem todas as igrejas experimentam o poder da oração?”.

O segundo capítulo deste livro é o único que não foi objeto de pregação, porém ele demonstra tão perfeitamente as opiniões de Spurgeon de como devem ser as reuniões de oração que o incluímos a fim de deixar o livro o mais completo possível.

Outros sermões de Spurgeon feitos em reuniões de oração foram publicados nos volumes intitulados *The Bible and the newspaper* [A Bíblia e o jornal], “Be of good cheer” [“Tende bom ânimo”] e *The soul-winner* [O conquistador de almas].

PARTE I

Sermões sobre oração e reuniões de oração

“É só uma reunião de oração!”

Que belo auditório temos aqui esta noite! Meu coração se alegra, lágrimas de contentamento deixam meus olhos marejados, por ver centenas de pessoas reunidas para aquilo que, às vezes, cruelmente, chamam de “apenas uma reunião de oração”. É bom que nos aproximemos de Deus pela oração, e é bom principalmente quando há tanta gente reunida com esse propósito. Já participamos de reuniões de oração com quatro ou cinco pessoas, o que nos deu um prazer imenso, porque tínhamos a promessa da presença do Senhor. Contudo, é desanimador ver quantas de nossas igrejas dão tão pouca atenção à oração dos crentes reunidos. Sempre quisemos ver o povo de Deus vindo em massa para a reunião de oração, e agora temos a satisfação de vê-lo aqui. Glória a Deus por isso. Como podíamos esperar uma bênção se éramos preguiçosos demais para pedi-la? Como é possível esperar um Pentecoste se nunca estivemos em concordância, em um mesmo lugar, esperando pelo Senhor? Irmãos, nossas igrejas serão melhores tão somente quando a reunião de oração ocupar um lugar elevado na estima dos cristãos. Diluí-la na preleção noturna semanal, eliminando-a de uma vez por todas, é um triste sinal de decadência. Gostaria que houvesse duas ou três almas piedosas nessas igrejas que se unissem com o propósito

de restaurar a reunião de oração, e que se comprometessem com sua realização com ou sem a presença do pastor.

Bem, agora que estamos reunidos, que tal orarmos? Atenção para não cairmos na formalidade, ou estaremos mortos achando que estamos vivos. Ninguém hesite e deixe-se tomar pela descrença, ou será em vão que oraremos. Diz o Senhor à sua igreja: “Abre bem a tua boca, e eu a enchei” (Sl 81.10). Oh, que com grande fé ofereçamos grandiosas orações! Misturemos o louvor à adoração como se fossem um composto delicioso de temperos a ser oferecido no altar do incenso através de Cristo, nosso Senhor. Não seria hora, agora, de oferecermos uma petição de vasto alcance? Veio-me a sugestão de que orássemos *por um reavivamento verdadeiro e genuíno da fé no mundo todo.*

Qualquer sinal de vida é motivo de alegria para mim, mesmo que frenético e passageiro, e não julgo precipitadamente nenhum movimento bem intencionado. No entanto, tenho muito receio de que vários desses chamados “reavivamentos” tenham, na verdade, produzido mais mal do que bem. Os lugares em que a excitação religiosa foi intensa são, com frequência, os mais difíceis de impactar. A mente dos homens endureceu no forno do fanatismo. Muitos homens foram seduzidos por uma espécie de jogatina religiosa, o que lhes rendeu em troca uma aversão pelo sóbrio ofício da verdadeira santidade. Se, porém, identifico com precisão as falsificações e as exponho sobre a mesa, não subestimo o ouro verdadeiro. Longe disso. Deve-se desejar, além de toda medida, que o Senhor envie um reavivamento real e duradouro da vida espiritual. Precisamos de uma obra do Espírito Santo, do tipo sobrenatural, que instile poder na pregação da Palavra, inspire os crentes com a energia do céu e impacte seriamente o coração dos indiferentes, de modo que se voltem para Deus e vivam. Em vez de nos embebedarmos com o vinho da satisfação carnal, seríamos cheios do Espírito; não saltaríamos sobre o altar aos gritos de “ó Baal, ouve-nos!”, mas, em vez disso, veríamos fogo descendo do céu em

resposta às orações ferventes e eficazes dos justos. Por que não imploramos ao Senhor nosso Deus para que revele seu braço aos olhos de todos nesses dias de decadência e de vaidade?

Queremos um reavivamento da *doutrina antiga*. Receamos que o "pensamento moderno", se for ainda mais longe, fará com que a fisionomia de nossa fé pareça tão maometana quanto cristã. Na realidade, ela se assemelhará mais à infidelidade do que a um ou ao outro. Um judeu convertido, de passagem por Londres, foi a uma igreja dissidente cujo nome prefiro não dizer. Quando voltou à casa do amigo onde estava hospedado, perguntou-lhe que religião era aquela, uma vez que não ouvira nada do que lhe haviam dito a respeito da fé cristã. As doutrinas características do Novo Testamento talvez não sejam negadas em termos objetivos. Elas são descaracterizadas: preservam-se as expressões conhecidas, mas elas ganham um novo sentido.

Alguns pregadores modernos falam muito de Cristo, e mesmo assim rejeitam o cristianismo. Sob o pretexto de exaltar o Mestre, rejeitam seu ensinamento e o trocam por teorias mais condizentes com o espírito da época. Inicialmente, o calvinismo era inflexível demais, depois as doutrinas evangélicas ficaram muito antiquadas. Agora, as Escrituras têm de se curvar à volubilidade e ao progresso humano. Há muita pregação atualmente que não faz menção alguma à depravação da natureza humana, à obra do Espírito Santo, ao sangue da expiação ou à punição do pecado. A divindade de Cristo não é atacada com muita frequência, mas o evangelho que ele nos deu, por meio do seu ensino e do ensino dos apóstolos, é questionado, criticado e negligenciado. Uma das grandes sociedades missionárias de hoje, por exemplo, nos informa por meio de um de seus autores que não envia missionários para salvar os pagãos da ira vindoura, mas para prepará-los "para o reino superior que os aguarda além do rio da morte". Confesso ter esperanças mais positivas em relação ao